



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS LETRAS E ARTES
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA
BACHARELADO EM PSICOLOGIA

CLARISSE JUNQUEIRA DA SILVA

TERRITÓRIOS EXISTENCIAIS DE MIGRANTES VENEZUELANOS NA
PARAÍBA: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

João Pessoa

2021

CLARISSE JUNQUEIRA DA SILVA

TERRITÓRIOS EXISTENCIAIS DE MIGRANTES VENEZUELANOS NA
PARAÍBA: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Centro de
Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Federal da
Paraíba, para a obtenção do grau de Bacharela em Psicologia.

Orientador: Prof. Dr. Anselmo Clemente

João Pessoa

2021

Trabalho de Conclusão de Curso.

Banca Examinadora

Prof. Dr. Anselmo Clemente
Orientador

Profª Dra. Manuella Castello Branco Pessoa
Examinadora

Graduada em Direito e Esp. Auricélia Rossana da Silva Freitas
Examinadora

Inserir os Dados Internacionais de Catalogação na Publicação – Ficha Catalográfica

AGRADECIMENTOS

Eu agradeço primeiramente aos meus pais Edson da Silva e Lília Maria Junqueira, pois sem eles nada disso seria possível, obrigada por todo o apoio incondicional e todo o investimento em mim. Agradeço por terem tido a coragem de percorrer o caminho de se tornarem si mesmos, pois fazendo isso abriram espaço para que eu pudesse percorrer esse caminho também.

Gostaria de agradecer também o território Universidade Federal da Paraíba, pois por mais críticas que eu tenha a ele, foi onde vivi cinco anos da minha vida e assim compôs também parte do meu território existencial.

Agradeço imensamente o Professor Anselmo por ter sido o melhor professor, orientador e amigo que eu poderia ter em anos de curso. Por me apresentar a Esquizoanálise, e com sua prática de todos os dias me fazer acreditar e investir em uma psicologia ampliada que consiga dar conta de todos os territórios e não apenas de alguns poucos específicos.

Agradeço a Casa do Migrante, todos os profissionais que lá trabalham e aos migrantes acolhidos, pela disponibilidade e pela vontade de investirem nesse projeto junto conosco estagiários, extensionistas e professor, sem eles esse trabalho não seria possível.

Agradeço a todos os bons amigos que estiveram ao meu lado ao longo desses anos, os da psicologia em especial, por passarmos juntos todos os perrengues que um curso universitário proporciona, mas também por termos levado essa amizade para além da universidade e nos apoiarmos fora dela também. Também agradeço os amigos das artes, os veterinários, os das engenharias, das medicinas, os professores, CFO's e todas as outras profissões que sei que todos são e serão excelentes profissionais.

Agradeço a todos os artistas da Fazendo Arte, adultos, adolescentes e crianças, pois também fizeram parte de todo meu processo de aprendizagem nesses cinco anos, em especial ao professor Edhy Santos e a professora Naná Viana que foram meus mestres nas artes circenses e ao meu querido amigo Luis Gabriel que sei que será um excelente professor de dança.

E agradeço a mim mesma por ter persistido e conseguido concluir mais essa etapa da minha vida. A vida está só começando (e que bom!).

**“Assim como nossas vidas não são estáticas,
estão sempre mudando, nossa teoria tem de
permanecer fluida, aberta, permeável ao
novo.”**

- Bell Hooks

RESUMO

O fenômeno da migração esteve presente historicamente, na realidade brasileira desde o período da colonização. Com a chegada do século XXI, o Brasil entrou em evidência, não apenas como destino de migrações internacionais, mas também de solicitações de refúgio. A migração forçada pode afetar negativamente a saúde mental dos indivíduos que migram, por se apresentar como situação repentina e urgente. Entretanto, para cada indivíduo migrante há uma maneira de migrar diferente e única, portanto, se deve prestar especial atenção à não patologização das experiências humanas vividas. O presente trabalho buscou através das experiências vivenciadas na Casa do Migrante do Conde\PB, possibilitados por um projeto de extensão universitária e pelo estágio curricular III e IV do curso de Psicologia da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), estudar os processos da migração relacionados à clínica de base esquizoanalítica, mais precisamente em relação ao conceito de territórios existenciais. O trabalho aconteceu em formato de artigo científico para que pudesse ser submetido para publicação no Dossiê Psicologia e Migração na edição nº 12 da revista Pretextos da Faculdade de Psicologia da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC Minas). Pôde-se alcançar, nessa experiência, os territórios dos migrantes acolhidos na Casa, os dos profissionais que lá atuam e o território da própria Casa do Migrante. O estudo se mostrou de grande relevância, pois a partir do conceito de territórios existenciais pôde-se perceber a criação de novos dispositivos clínicos que podem ajudar a população vulnerável atendida e também os profissionais que trabalham com esses indivíduos.

PALAVRAS-CHAVE: Migração; Saúde Mental; Esquizoanálise, Psicologia.

ABSTRACT

The phenomenon of migration has been present in the Brazilian reality since the colonization period. With the arrival of the 21st century, Brazil comes to the fore not only as a destination for international migrations but also for asylum requests. Forced migration can negatively affect the mental health of individuals who migrate, because it is a sudden and urgent situation. However for each individual migrant there is a different and unique way to migrate, so special attention must be paid to not pathologizing human experiences. The present work sought through the experiences lived in the Casa do Migrante/PB, possible through a university extension and curricular internship III and IV from the Psychology course at the Federal University of Paraíba, to study the migration processes related to the schizoanalytic-based clinic, more precisely in relation with the concept of existential territories. The work took place in the form of a scientific article so that it could be submitted for publication in the Dossiê Psicologia e Migração in issue 12 of the journal Pretextos of the faculty of Psychology at the Pontifical Catholic University of Minas Gerais (PUC Minas). In this experience, it was possible to reach the territories of the migrants residing in the house, of the professionals who work there and the territory of the Casa do Migrante itself. The study proved to be of great relevance, because from the concept of existential territories it was possible to perceive the creation of new clinical devices that can help, the vulnerable population served and also the professionals who work with these individuals.

KEYWORDS: Migration; Mental health; Schizoanalysis; Psychology.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.	11
CAPÍTULO 1: PROPOSTA DE ARTIGO CIENTÍFICO	12
Introdução	13
Relato de experiência sobre o percurso formativo.....	16
Resultados e Discussões	18
Linhas e migrações.....	19
Territórios Existenciais.....	21
Território Existencial Casa do Migrante	23
Protagonismo e agência	25
Considerações Finais	26
Referências	27

ANEXOS

ANEXO A. Regras de submissão.....	29
ANEXO B. Template/Layout.....	33

APRESENTAÇÃO

Fundamentalmente, o presente TCC optou por executar sua publicação em formato de artigo científico. Tal modalidade é aprovada pela resolução CP Nº 01/2021¹ da Coordenação do curso de graduação em Psicologia da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). A escolha pela opção de formato de artigo se deu pela maior facilidade e rapidez que essa possibilita para a publicação do texto. Somado a isso, o texto também foi construído para que pudesse ser submetido na chamada para publicação do Dossiê Psicologia e Migração na edição nº 12 da revista Pretextos da Faculdade de Psicologia da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC Minas). A revista se apresenta em coesão com a proposta do texto, pois reúne publicações resultados de trabalhos de estágio, extensão, iniciação científica e conclusão de curso (monografia) que tiveram sua execução no período da graduação, aceitando também artigos de Psicologia oriundos do contexto da pós-graduação. O corpo do texto e as referências seguidas foram as instruções da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT) demandadas pela revista. Todavia, foi disponibilizado pela revista um template o qual algumas orientações registradas são diferentes das informadas pelo padrão de normalização supracitado. Para a maior facilidade na identificação das regras demandadas, estarão anexadas a esse documento as normas da revista e o layout/template requeridos.

¹ Universidade Federal da Paraíba/ Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes (CCHLA). CPNº 01/2021. João Pessoa – PB. 2021. Recuperado em 16 de Novembro de 2021, de <http://plone.ufpb.br/ccgp/contents/menu/documento-do-curso/resolucao-tcc.pdf/view>.

TERRITÓRIOS EXISTENCIAIS DE MIGRANTES VENEZUELANOS NA PARAÍBA: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

TERRITORIOS EXISTENCIALES DE MIGRANTES VENEZOLANOS EM PARAÍBA: UM INFORME DE EXPERIENCIA

EXISTENCIAL TERRITORIES OF VENEZUELAN MIGRANTS IN PARAÍBA: A EXPERIENCE REPORT

Não identificar autoria antes da avaliação¹

RESUMO: O fenômeno da migração sempre esteve presente historicamente, na realidade brasileira desde o período da colonização. Com a chegada do século XXI, o Brasil entrou em evidência, não apenas como destino de migrações internacionais, mas também de solicitações de refúgio. A migração forçada pode afetar negativamente a saúde mental dos indivíduos que migram, muitas vezes por se apresentar como situação repentina e urgente. Entretanto, para cada indivíduo migrante há uma maneira de migrar diferente e única, portanto, se deve prestar especial atenção à não patologização das experiências humanas vividas. O presente trabalho buscou através das experiências vivenciadas na Casa do Migrante do Conde\PB, possibilitados por um projeto de extensão universitária e pelo estágio curricular III e IV do curso de Psicologia da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), estudar os processos da migração relacionados à clínica de base esquizoanalítica, mais precisamente em relação ao conceito de territórios existenciais. Pôde-se alcançar, nessa experiência, os territórios não apenas dos migrantes acolhidos na Casa, mas também dos profissionais que lá atuam e o território da própria Casa do Migrante. Foi possível identificar com esse estudo a carência de serviços que possibilitem a promoção da saúde mental à população migrante e refugiada, particularmente na região nordeste. O estudo se mostrou de grande relevância, pois a partir do conceito de territórios existenciais pôde-se perceber a criação de novos dispositivos clínicos que podem ajudar, não apenas a população vulnerável atendida como também os profissionais que trabalham com esses indivíduos.

PALAVRAS-CHAVE: Migração; Saúde Mental; Esquizoanálise, Psicologia.

RESUMEN: El fenómeno de la migración siempre ha estado presente historicamente, en la realidad brasileña, desde el período de colonización. Con la llegada del siglo XXI, Brasil se evidenció no solo como destino de migraciones internacionales sino también de solicitudes de asilo. La migración forzada puede afectar negativamente la salud mental de las personas que migran, a menudo debido a una situación repentina y urgente. Sin embargo, para cada migrante individual hay una forma diferente y única de migrar, por tanto se debe prestar especial atención a la no patologización de las experiencias humanas. El presente trabajo buscado, mediante de las experiencias vividas en la Casa do Migrante\PB, que fueron posibles gracias a un proyecto de extensión y para etapa curricular III y IV del curso de Psicología de la Universidad Federal da Paraíba (UFPB), buscó estudiar los procesos migratorios relacionados con la clínica de base esquizoanalítica, más precisamente en relación con el concepto de territorios existenciais. En esta experiencia se logró llegar a los territorios no solo de los migrantes acogidos en la Casa, sino también a los profesionales que allí laboran y el próprio territorio de la Casa do Migrante. Se pudo identificar con este estudio la falta de servicios que permitan la promoción de la salud mental a la población migrante y refugiada, particularmente en la región nordeste. El estudio resultó de gran relevancia pues desde el concepto de territorios existenciais se podía percibir la creación de nuevos dispositivos clínicos que puede ayudar, no solo a la población vulnerable atendida, sino también a los profesionales que trabajan con estas personas.

PALABRAS CLAVE: Migración; Salud Mental; Esquizoanálise, Psicología.

ABSTRACT: The phenomenon of migration has historically been present in the Brazilian reality since the colonization period. With the arrival of the 21st century, Brazil comes to the fore not only as a destination for international migrations but also for asylum requests. Forced migration often, can negatively affect the mental health of individuals who migrate, because it is a sudden and urgent situation. However, for each individual migrant there is a different and unique way to migrate, so special attention must be paid to not pathologizing human

¹ Não identificar autoria antes da avaliação.

experiences. The present work sought through the experiences lived in the Casa do Migrante/PB, possible through a university extension and curricular internship III and IV from the Psychology course at the Federal University of Paraíba, to study the migration processes related to the schizoanalytic-based clinic, more precisely in relation with the concept of existential territories. In this experience, it was possible to reach the territories, not only of the migrants residing in the house, but also of the professionals who work there and the territory of the Casa do Migrante itself. It was possible to identify with this study the lack of services that offers the promotion of mental health to the migrant and refugee population, particularly in the northeast region. The study proved to be of great relevance, because from the concept of existential territories it was possible to perceive the creation of new clinical devices that can help, not only the vulnerable population served, but also the professionals who work with these individuals.

KEYWORDS: Migration; Mental health; Schizoanalysis; Psychology.

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho refere-se a um relato de experiência vivenciado no percurso de formação do psicólogo, através da realização do estágio curricular obrigatório III e IV e em uma extensão universitária. O estágio consistiu numa continuação do que foi vivenciado no projeto de extensão intitulado “Territórios do Cuidado: Promoção à Saúde Mental a partir de Rodas de Conversa com Refugiados e Migrantes acolhidos na Casa do Migrante do Conde/PB”, ambos vinculados ao Departamento de Psicologia da Universidade Federal da Paraíba (CCHLA/UFPB). O referido projeto foi executado entre os meses de abril e dezembro de 2020 e em sua idealização, tinha como objetivo a promoção a saúde mental da população migrante venezuelana acolhida na Casa do Migrante no município do Conde na Paraíba, a partir de rodas de conversas presenciais que aconteceriam na própria instituição¹. Em 2021, com o término do projeto de extensão, deu-se início ao estágio curricular III, que aconteceu no período de março a junho; e ao estágio IV, que teve início em agosto e está sendo realizado atualmente, com previsão de término neste mesmo ano.

Fundamentalmente, o Brasil é um país que historicamente convive com o fenômeno migratório desde o período da colonização. Essa relação com a migração, hora mais cristalizada e dura, hora mais flexível, proporcionou não apenas a convivência, mas também a própria formação nacional, ao longo desse processo, em que houve várias mesclagens de culturas de inúmeras civilizações que por aqui passaram, passam e passarão. Com a entrada do século XXI, as configurações migratórias se apresentam em uma nova forma sociopolítica, fazendo o Brasil ficar em evidência como destino não apenas de migrações internacionais, mas também para solicitações de refúgio (GEBRIM, 2015).

¹ Oficialmente a Casa do Migrante é um projeto vinculado à instituição Serviço Pastoral do Migrante do Nordeste (SPM-NE). Contudo, o termo "instituição" utilizado neste trabalho se relaciona com a perspectiva da esquizoanálise e da Análise Institucional, ou seja, "diz respeito a uma realidade que cruza as organizações e estabelecimentos, sendo um emaranhado de forças" (ROSSI; PASSOS, 2014, p.162).

Segundo a 6ª edição do Relatório Refúgio em Números², publicado em 2021, no ano de 2019, o Brasil recebeu 82.552 solicitações de reconhecimento da condição de refugiado, sendo este um número recorde desde que a legislação brasileira regulamentou o estatuto do refúgio. Conforme esse mesmo relatório, apesar de a pandemia do Covid-19 ter apresentado forte impacto nos números de solicitações de refúgio, havendo uma diminuição relacionada aos fechamentos das fronteiras e maiores restrições no controle de circulação de pessoas, o ano de 2020 ainda apresentou altos números de solicitações, sendo a maior parte das pessoas solicitantes, de nacionalidade venezuelana ou tinham a Venezuela como seu país de residência habitual.

Martins-Borges (2013), ao pensar a migração involuntária como fator de risco à saúde mental, entende que os refugiados, devido à situação repentina e urgente a que são submetidos pela migração forçada, conseguem transportar pouco do que antes poderiam caracterizar como elementos de sua identidade, como por exemplo, relações, carreira profissional, status social ou sua residência. Tais partidas muitas vezes traumáticas, por não serem planejadas ou desejadas em seus projetos de vida, são diversas vezes cerceadas por sofrimento psicológico, podendo se ligar até a violências diversas sofridas no período pré-migratório e migratório (MARTINS-BORGES, 2013).

Portanto, o processo de migração e a saúde mental do indivíduo migrante, quando relacionados, devem levar em conta os termos culturais para a realização do cuidado, pois os sujeitos, ao se deslocarem de seu território, estão fora de seus contextos cultural e geográfico. Estes contextos fizeram parte da formação de sua subjetividade, e tal mudança poderá abalar seu lugar subjetivo no mundo, mesmo que apenas por um breve período de tempo (MARTINS-BORGES, 2013).

O processo de migração, para além de um fenômeno social, político e histórico, é também um fenômeno psíquico. A migração envolve a mudança do ambiente externo ao sujeito e consequentemente, há uma desorganização de seu ambiente interno cultural. São diversos os motivos pelos quais os sujeitos são levados à difícil decisão de se deslocarem de seus países e culturas maternas, como situações econômicas, políticas, ambientais ou familiares. Quaisquer que sejam as razões, a partir daí é iniciado um grande processo de resignificação do universo existencial do indivíduo migrante.

2 SILVA, Gustavo et al. **Refúgio em Números, 6ª Edição**. Observatório das Migrações Internacionais; Ministério da Justiça e Segurança Pública/ Comitê Nacional para os Refugiados. Brasília, DF: OBMigra, 2021.

Especificamente em relação a Paraíba, faz-se necessário apresentar o local em que foi experienciada a extensão universitária e o estágio curricular, ou seja, a Casa do Migrante. A instituição teve sua inauguração no dia 3 de julho de 2018, no distrito de Jacumã no município do Conde, próximo a capital João Pessoa. A casa foi inaugurada pelo Serviço Pastoral dos Migrantes do Nordeste – SPM NE. Trata-se de entidade não governamental e sem fins lucrativos, vinculada à igreja Católica e foi fundada em 1986 por padres, bispos religiosos e leigos. Segundo a Cartilha do SPM: Acolhida e Proteção a Migrantes e Refugiados no Brasil³, o trabalho realizado abrange o acolhimento inicial nas Casas do Migrante ou em outros espaços, a proteção e integração dos refugiados, passando pela segurança alimentar, orientação jurídica e inserção laboral. Segundo dados dessa mesma cartilha, a Casa do Migrante do Conde já recebeu 300 acolhidos e acompanha 1.100 migrantes na Paraíba. Algumas das atividades principais realizadas e ofertadas aos acolhidos são aulas de português e de cultura brasileira, oficinas de qualificação profissional, elaboração e tradução de currículos, regularização de documentação entre outras.

Os migrantes chegam à Casa por vários caminhos, alguns deles são: 1) Seleção de grupos de migrantes, de acordo com a capacidade da acolhida na Casa e sua localização regional; 2) Demandas espontâneas de migrantes que batem à porta das Casas ou da Pastoral; 3) Acolhida de migrantes encaminhados por outras instituições. Já a estrutura das equipes que atuam nas Casas é formada por equipe multidisciplinar, equipe de apoio, voluntários e parcerias institucionais e serviços. As equipes são formadas por voluntários (as) e técnicos (as) que são contratados (as) mediante apoio de projetos como o Projeto “Acolhendo vidas, reconstruindo sonhos”, executado na Casa do Migrante do Conde.

A Casa do Migrante do Conde comporta a capacidade de acolher até 30 pessoas, podendo o migrante ou refugiado permanecer nela por até 3 meses. Os (as) acolhidos (as) mantêm uma rotina que busca a inserção profissional em João Pessoa e região. O projeto adota a postura de apoiá-los na procura de autonomia, independência e inserção social ampla na realidade local (CLEMENTE, 2020).

O presente trabalho surgiu do interesse em pesquisar os processos da migração venezuelana na Paraíba partindo-se da Esquizoanálise, ou seja, da perspectiva clínica e teórica acerca da subjetividade inaugurada pelo filósofo Gilles Deleuze (1925-1995) e pelo psicanalista-militante Félix Guattari (1930-1992). E, sobretudo, a partir do conceito guattariano de Territórios Existenciais. O objetivo deste trabalho consistiu na realização do relato de experi-

³ Informações retiradas da Cartilha do SPM: Acolhida e Proteção a Migrantes e Refugiados no Brasil. 2020.

ência da aluna, vivenciada a partir das disciplinas de estágio obrigatório III e IV e do projeto de extensão que aconteceram através das Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs) com a Casa do Migrante do Conde/PB. A construção deste trabalho ocorreu a partir das seguintes etapas: 1) Levantamento bibliográfico sobre saúde mental e migração; 2) Sistematização do Relato de experiência a partir das atividades vivenciadas no estágio obrigatório III e IV (2021) e no projeto de extensão intitulado “Territórios do Cuidado: Promoção à Saúde Mental a partir de Rodas de Conversa com Refugiados e Migrantes acolhidos na Casa do Migrante do Conde/PB” (2020); 3) Produção de diálogo entre os conceitos da base esquizoanalítica e o fenômeno migratório experienciado no estágio e na extensão.

2 RELATO DE EXPERIÊNCIA SOBRE O PERCURSO FORMATIVO

O projeto de extensão intitulado “Territórios do Cuidado: Promoção à Saúde Mental a partir de Rodas de Conversa com Refugiados e Migrantes acolhidos na Casa do Migrante do Conde/PB” partiu de uma visão mais complexa de saúde mental, isto é, não necessariamente como a simples ausência de transtornos mentais junto aos indivíduos. Além disso, buscou-se prestar especial atenção para a não patologização das experiências de ordem política, social e econômica relacionadas ao fenômeno da migração. Assim “(...) considera-se que a promoção da saúde mental faz parte de uma perspectiva mais ampliada de saúde, inclusive garantida como direito constitucional e fundamentada na organização do Sistema Único de Saúde (SUS)” (CLEMENTE, 2020, p.976).

A justificativa da realização da extensão se deu com a demanda da Casa do Migrante em sua dificuldade em obter oportunidades de atividades voltadas especificamente a promoção à saúde mental para seus acolhidos, mesmo não havendo naquele momento dificuldades de atendimentos pelas redes de saúde que atendem o município. “Nesse sentido, havia grande necessidade, reconhecida pela coordenação da Casa do Migrante, de implementação de alguma ação de promoção de saúde mental, fato que também justificou essa proposta de extensão universitária” (CLEMENTE, 2020, p.978).

Entretanto, devido à crise propagada pela disseminação do vírus Sars-CoV-2, as atividades de extensão tiveram de ser readequadas para o formato totalmente online para que pudesse ocorrer com segurança. Foi possível a realização de algumas rodas de conversa online com um grupo de acolhidos que residiam na Casa naquele primeiro momento. Porém, apesar de nossos esforços, devido (a) a grande flutuação de pessoas acolhidas na Casa; (b) as dificuldades de produzir vínculo entre os participantes através do uso de telas e das TICs; (c) as pré-

vias experiências dos acolhidos com atividades online e a dificuldade de compreensão que esse formato apresentava, as rodas de conversa mediadas pelas TICs foram interrompidas.

Apesar da não continuidade das rodas de conversas online, o dispositivo das rodas de conversa foi apropriado pelos membros da própria equipe da Casa, que seguiam presencialmente no espaço, e assim surgiram as “Rodas de fim de tarde”. Essas foram idealizadas pelos profissionais atuantes na instituição, onde realizaram rodas de conversa com os migrantes e refugiados acolhidos. A cada roda, escolhiam temas norteadores para facilitarem a atividade. Por exemplo: “Como ser protagonista da sua vida?” ou “Como ir a uma entrevista de emprego?”. Tais rodas permitiram não só o compartilhamento de informações importantes sobre políticas e direitos, mas também possibilitaram um espaço de encontro entre profissionais e acolhidos, fazendo passar afetos e garantindo um lugar de fala não apenas aos acolhidos, mas também aos profissionais.

Atentos a esses acontecimentos, nosso grupo de extensão passou então a ampliar o contato com os profissionais. Assim teve início a realização da oferta de escuta e acolhimento direcionada a esses integrantes profissionais da Casa, onde poderiam partilhar os desafios encontrados tanto nas realizações das Rodas quanto no processo do trabalho com essa população, sobretudo em tempos pandêmicos. Apesar da conclusão do projeto de extensão em dezembro de 2020, a coordenação da Casa manifestou o desejo de continuidade do acolhimento aos profissionais. No atendimento a esta demanda, foi utilizado a disciplina de estágio curricular III e IV na área de Psicologia Clínica para essa escuta.

As atividades tanto de extensão quanto de estágio ocorreram por meio do formato online com auxílio das (TICs). Para os encontros remotos foi utilizada a plataforma *Google Meets* e para combinação de encontros com os profissionais, foi utilizado pela aluna estagiária, a rede social do *Whatsapp*. A realização desses encontros se deu de forma quinzenal e foram efetuadas anotações do ocorrido a cada escuta para fins de discussão na supervisão com o professor.

As atividades de estágio remoto foram sendo formadas de acordo com a demanda da Casa do Migrante, e ao longo de seu acontecimento ocorreram 1) reuniões quinzenais com a Casa do Migrante; 2) apoio às atividades de roda de conversa realizadas pelos profissionais aos acolhidos da casa; 3) discussão acerca da saúde mental com os profissionais da casa; 4) realização de escuta e acolhimento individual dos profissionais da Casa; 5) participação dos alunos estagiários em eventos online acerca da migração e saúde mental como plenárias, simpósios e rodas de conversa; 6) encontros remotos de supervisão abordando a temática da migração relacionadas à saúde mental e a clínica de base esquizoanalítica; 7) fechamento e ava-

liação das atividades com a equipe da Casa e 8) realização pela aluna estagiária de relatórios parcial e final.

Nos encontros de acolhimento individual com cada profissional, foram trazidas diversas questões. Como por exemplo, relacionadas a migração e as questões de gênero e como lidar com situações frequentes que fazem parte da história de determinadas mulheres: abuso sexual, dependência financeira do parceiro, dificuldade para encontrar empregos em que se sintam seguras, mas também a migração como forma de emancipação e apropriação de suas vidas.

Foram abordadas, também, questões presentes na atividade de entregas de cestas básicas pelos profissionais, realizada pela Casa do Migrante, a qual permanece sendo instituição de referência para os migrantes que já se emanciparam da Casa e residem na Paraíba. Nesse sentido, através da escuta da equipe, foi relatada a maior dificuldade dos migrantes em conseguir empregos e se sustentarem de forma autônoma, trazendo preocupações relacionadas às suas vivências atravessadas pela questão da fome, da violência, e pelo sentimento de desesperança em relação ao futuro. Também pudemos ter conhecimento, ao longo desse processo de entrega das cestas, da existência de muitas famílias Venezuelanas que chegaram à Paraíba sem passar pela Casa do Migrante, as quais residiam em uma comunidade em João Pessoa em situação de vulnerabilidade social.

Por outro lado, foram trazidas pelos profissionais inseguranças de como lidar com questões de saúde mental. Inclusive frequentemente anunciadas pelos migrantes, tanto em seu momento de chegada, nos cadastros iniciais e em sua permanência na Casa, como também no momento da entrega das cestas básicas, quando alguns migrantes demandam escuta qualificada e os profissionais não se sentem capacitados para tal.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

As próximas sessões têm por objetivo relacionar as experiências vivenciadas na extensão e estágio com a teoria de base esquizoanalítica para compreender os fenômenos presentes no processo de subjetivação migrante. Começaremos com *linhas e migrações*, definindo as três linhas e suas forças que perpassam indivíduos e coletivos às vezes desterritorializando e às vezes territorializando. Seguindo para *Territórios Existenciais*, discorreremos sobre o território migrante e logo depois entraremos no *território existencial Casa do Migrante* onde entenderemos esse território específico. Por fim compreenderemos alguns dos territórios migrantes que pudemos ter o contato na *Casa do Migrante em protagonismo e agência*.

3.1 Linhas e migrações

De acordo com Deleuze e Guattari (2012, p.83), “indivíduos ou grupos, somos atravessados por linhas, meridianos, geodésias, trópicos, fusos, que não seguem o mesmo ritmo e não tem a mesma natureza”. Nesse sentido, os autores nos apresentam três diferentes tipos de linhas que nos compõem do ponto de vista da nossa subjetividade e atravessa nossas relações, são elas: 1) as linhas duras, caracterizadas por serem compostas de segmentos mais duros e inflexíveis, 2) as linhas de segmentaridade mais flexíveis e 3) as linhas de fuga que apresentam uma ruptura dos estratos. Para a esquizoanálise, o processo de subjetivação dos sujeitos ocorreria pelas dobras de múltiplas relações, relações essas tão múltiplas quanto o próprio sujeito, sendo mais pertinente o interesse na convergência dessas relações ou da predominância de umas sobre as outras (CASSIANO e FURLAN, 2013).

As linhas duras são caracterizadas por seus recortes mais determinantes do que os que acontecem nas outras linhas, é marcada por dualidades como por exemplo aluno ou professor, homem ou mulher, rico ou pobre. Ela é responsável pela formação de grandes grupos molares e estabelece papéis sociais bem delimitados. Podemos dizer que “nelas tudo parece contável e previsto, o início e o fim de um segmento, bem como a passagem de um segmento a outro” (DELEUZE e GUATTARI, 1996, p.67 apud CASSIANO e FURLAN, 2013, p.373).

As linhas duras ajudam na consolidação de territórios, é onde o indivíduo consegue se estabilizar e se organizar, estar num espaço em que as coisas façam sentido. As linhas duras são importantes para a subjetivação dos indivíduos e apesar de sua segmentaridade mais rígida, não apenas perpassam os segmentos molares estratificados da nossa sociedade, mas também influenciam em processos mais moleculares como o das nossas relações interpessoais (CASSIANO e FURLAN, 2013).

As linhas de segmentaridade mais flexíveis, apesar da pressão para que se estratifique em algum território, são de natureza mais livres, possuindo um caráter ambíguo e não se encaixam em dualidades como nas linhas mais duras. Elas atravessam também sociedades e sujeitos, mas de forma mais rizomática, são mais moleculares. Se nas linhas duras se apresentam as dualidades entre homem e mulher, nas linhas moleculares se apresenta a forma de ser homem ou mulher ou nesse caso, migrante. Essas linhas se relacionam com diversas formas de conexões e como destas podem surgir novas linhas. “O plano que essa segunda linha cria em seu traçado é feito de um estado instável” (ROLNIK, 2016, p.51).

Por fim temos as linhas de fuga, marcadas principalmente pelo seu movimento de ruptura e desterritorialização, elas apresentam características imprevisíveis, inconscientes e pré-

individuais. Acontecem quando um território que antes nos servia e nos era confortável, atualmente não mais o é, obrigando o sujeito a se desterritorializar. É importante destacar que não necessariamente quando acontece um processo de desterritorialização, há um processo de reterritorialização que acontecerá automaticamente. Do ponto de vista da produção da subjetividade, o processo de desterritorialização, reterritorialização e territorialização não são da ordem da cognição.

Na migração involuntária há um processo imposto em que os imigrantes precisam sair de sua terra natal para fugir de situações catastróficas que podem partir de origens diversas. Os sujeitos, então, passam a experimentar sentimentos de frustração sobre seus planos e sonhos em sua vida anterior à migração e sua vida atual no novo país de acolhida. Além disso, perdem seus antigos papéis sociais e são afastados de sua cultura, experimentando angústia, tristeza e irritabilidade (OLIVEIRA et al., 2019).

É que enquanto se está vivo não se para de fazer encontros com outros corpos (não só humanos) e com corpos que se tornam outros. Isso implica, necessariamente novas atrações e repulsas; afetos que não conseguem passar em nossa forma de expressão atual, aquela do território em que até então nos reconhecíamos (ROLNIK, 2016, p.49).

Essas três diferentes linhas interferem umas nas outras influenciando início, seguimento e término de criações e destruições de territórios que na realidade nunca terminam de fato, pois para cada território haverá uma desterritorialização, de lugares que não mais fazem sentido e se faz necessária a busca por outros novos. “Podemos estar numa linha – territorializados, por exemplo – e, de repente, perdê-la: sem perceber, já estamos numa outra, totalmente desterritorializados” (ROLNIK, 2016, p.52). A cada encontro, essas linhas que atravessam nossas relações constantemente, geram efeitos no corpo, e o risco se encontra nas vibrações excedentes que podem nos decompor caso não se seja capaz de suportar os atravessamentos de desterritorialização das linhas de fuga ou a grande pressão vinda das linhas duras (CASSIANO e FURLAN, 2013).

A experiência da migração e refúgio é perpassada por essas linhas. A migração involuntária traz experiências de incertezas, de mudanças tanto do território físico em que o indivíduo migrante se encontrava como do território subjetivo. A migração é uma experiência difícil e é necessário coragem para executá-la. Ela vem por uma linha que leva através dos segmentos, mas também através dos limiares, e seu destino não é conhecido tampouco previsível (DELEUZE e PARNET, 1998).

Na Casa do Migrante do Conde há sempre grande flutuação de pessoas, pois são acolhidas a cada determinado período, grupos de migrantes com variadas quantidade de pessoas e com características e histórias de vida muito distintas. Alguns grupos, por exemplo, há uma grande presença de crianças. Em outros, são caracterizadas por diversos membros da mesma família. Há também as pessoas que migram sozinhas. “A migração, aí está sua grandeza existencial, é um ato complexo que não pode ser reduzido às categorias do acaso ou da necessidade” (MORO, 2015, p.187).

O presente artigo preferiu refletir sobre o acontecimento da migração e do refúgio por uma linha mais flexível e molecular. A investigação se orientou pela percepção segundo a qual, para cada sujeito que migra, existem modos diferentes de se atravessar essa vivência. A experiência da migração percorre diferentes forças molares como raça, gênero e idade, mas também tem natureza de forças mais flexíveis como as conexões feitas por esses sujeitos. Por esta perspectiva, evitamos focar exclusivamente nos números encontrados nas incidências de transtornos mentais mais comuns a esta população.

3.2 Territórios Existenciais

Na perspectiva esquizoanalítica, a noção de território existencial está relacionada com a produção da subjetividade em abertura e atravessada por uma multiplicidade de forças, que inclusive percorrem o tecido social. Em *As Três Ecologias* (1990), por exemplo, Guattari considerará em sua ecosofia os registros ambientais, das relações sociais e da própria subjetividade humana. Para o psicanalista, haveria um princípio comum a esses três registros:

() em que os Territórios existenciais com os quais elas nos põem em confronto não se dão como um em-si, fechado sobre si mesmo, mas como um para-si precário, finito, finitizado, singular, singularizado, capaz de bifurcar em reiterações estratificadas e mortíferas ou em abertura processual a partir de práxis que permitam torná-lo 'habitável' por um projeto humano (GUATTARI, p.37, 1990).

O território existencial como Suely Rolnik aponta em seu livro *Cartografia Sentimental* (2016), acontece na agência de matérias de expressão que formam certa cristalização existencial, essa configuração é mais ou menos estável e familiar, a cristalização é um plano que se cria ao mesmo tempo em que os sujeitos e objetos, ela se torna possível na relação e na passagem dos afetos.

Segundo Guattari e Rolnik (1986) o território tanto poderá entrar em movimento de desterritorialização, abrindo-se em linhas de fuga, como poderá seguir pelo movimento de reterritorialização em uma tentativa de recomposição de um território engajado num processo desterritorializante.

O processo de estabilização em um território existencial é de extrema importância para a organização do sujeito, a instalação em um território existencial traz a segurança e a sensação de pertencimento. “Assim, é preciso construir um mínimo de contorno, de território existencial; enfim uma morada que possa funcionar como ancoragem e proteção contra o caos” (LIMA; YASUI, 2014, p.602). Nesse sentido, durante a experiência das escutas no estágio remoto, foi possível perceber as incertezas, medos e dificuldades envolvidas no deslocamento da Venezuela para o Brasil. Contudo, por outra via, através das escutas de narrativas cotidianas simples, como andar pela cidade, utilizar o transporte público ou observar as vitrines das lojas na cidade foi possível observar o surgimento e a construção de um território. Pode-se notar a territorialização no sentimento de não apenas pertencimento, mas de apropriação do lugar em que se vive.

Como Lancetti elucida na terceira edição de Clínica Peripatética (2008), no território existencial e no território geográfico do sujeito, ocorrem ações complexas de saúde mental em combinação com os diversos componentes da subjetividade, sejam eles de universos culturais locais, de culturas originárias, mídias, religiões etc. O migrante quando atravessa fronteiras e chega a um novo país, não deixa seu território para trás, mas o leva consigo, e quando desembarca há o encontro entre seu território existencial subjetivo com os territórios existentes no novo local. No caso da Venezuela e do Brasil muitas são as semelhanças entre esses povos. Pudemos ter acesso, durante as escutas, a muitos costumes semelhantes entre esses países através de comidas, cidades e sotaques pelos quais se possibilitou o encontro dos territórios.

A clínica esquizoanalítica é sensível a esses processos moleculares de transformação de territórios, ela procura dispositivos e se mostra aberta a experimentações. Abandona-se então a ideia de uma clínica centrada em sintomas individuais para dar espaço a uma clínica que agencia processos de produção de saúde e subjetividade, que incluem a inserção em processos de criação voltados para a construção de novas línguas, novos territórios e novos sentidos (LIMA; YASUI, 2014).

Essa clínica pode acontecer em duas direções configurando-se na construção e na experimentação. “De um lado, possibilitando a atualização de devires a produção de marcas e de sentido; trabalho de produção de contorno, de construção de territórios existenciais de moradas” (LIMA; YASUI, 2014, p.602). Mas ao mesmo tempo a clínica também trabalha na de-

sestabilização de territórios muito fechados em si mesmos, trabalho de construção de aberturas do território que deve ser realizado com muito cuidado.

3.3 Território Existencial Casa do Migrante

A vivência da extensão na Casa do Migrante, mesmo que online, proporcionou aos extensionistas diversas experiências em participação de eventos online que aconteciam por todo o país. Um dos eventos para o qual o projeto foi chamado a participar, embora ainda se apresentasse como uma experiência recente foi o evento Oficina Virtual do Mapeamento de Organizações da Sociedade Civil que presta assistência em saúde mental e atenção psicossocial a migrantes e refugiados no Brasil⁴. Esse evento tinha como objetivo conhecer dados sobre a atuação da sociedade civil na área da saúde mental da população migrante e refugiada, entender o impacto do deslocamento na saúde mental dessa população para com essas informações subsidiar políticas públicas, capacitações e ações na área da saúde mental para essa população. Neste estudo, a maior parte das Organizações Civis respondentes a este mapeamento estavam localizadas nas regiões sul e sudeste do país, seguidos pela região centro-oeste, a região norte, e por último com o menor número de organizações respondentes estava a região nordeste.

Segundo dados apresentados na Oficina Virtual, a grande maioria das organizações civis mapeadas tinham natureza de organização religiosa e ONGs, e atuavam há cinco anos ou mais. Em maior frequência apareceram como assistência em saúde mental prestadas por essas organizações os serviços de encaminhamento para a rede, acolhimento inicial e escuta psicológica, atendimento psicológico e atividades de suporte social.

Outros dados disponibilizados foram os da problemática de como a oferta de serviços públicos e da sociedade civil a migrantes refugiados em assistência psicossocial, se encontram abaixo da demanda. A dificuldade da entrada desses migrantes e refugiados nos serviços ofertados pelo sistema de saúde está relacionada muitas vezes à falta de informação sobre a oferta de atendimentos, o desconhecimento dos serviços, além da dificuldade por falta de um atendimento específico dos profissionais para a população de migrantes. Outras barreiras apontadas ocorrem pelas questões financeiras, questões linguísticas, pelo desconhecimento sobre os direitos dos migrantes e questões culturais.

⁴ LOPES, Joana Soares Cordeiro. Apresentação. In: Oficina Virtual do Mapeamento de Organizações da Sociedade Civil que prestam assistência em saúde mental e atenção psicossocial a migrantes e refugiados no Brasil., 2020.

Conforme esse mesmo evento, a pandemia do COVID-19 teve impacto no funcionamento dessas organizações: 89% foram afetadas pela pandemia, entretanto 77% destas conseguiram adaptar seus atendimentos para plataformas virtuais. Mesmo assim pode-se considerar preocupante a diminuição da abrangência de atuação dessas organizações, justamente pelo fato de os serviços ofertados para essa população vulnerável já se encontrarem abaixo da demanda. As principais dificuldades enfrentadas pelos migrantes pós-pandemia se configuram agora em: 1) desemprego e vulnerabilidade econômica; 2) dificuldade de acesso aos serviços; 3) dificuldade de acesso ao atendimento remoto; 4) preocupação dos familiares nos países de origem; 5) dificuldades das crianças no ensino remoto; 6) preconceito relacionado ao medo do contágio; 7) aumento de agressões e conflitos familiares.

Apesar do que foi encontrado no Mapeamento, a Casa do Migrante do Conde não relatou grandes dificuldades na inserção de seus acolhidos na rede de saúde pública do Conde. Entretanto, foi relatada a dificuldade da rede local de saúde na oferta de atividades específicas de promoção à saúde mental, voltadas para a população de migrantes e refugiados, levando em consideração a já presente demanda da população que reside na própria região (CLEMENTE, 2020).

Partindo da extensão, pudemos conhecer em um primeiro momento alguns dos profissionais que integravam a equipe da instituição e assim dirigir a escuta em sua direção, entendendo como se deram as realizações das rodas de conversa, facilitadas por eles mesmos aos migrantes e refugiados. Mais tarde esse processo continuou sendo executado nos espaços de Estágios III e IV.

As rodas de conversa chegaram a abordar variados temas, como por exemplo, o de território, geopolítica, coronavírus, emprego e direitos trabalhistas. Houve rodas nomeadas de “Como ir a uma entrevista de emprego?” e “Como ser o protagonista da sua vida?”. Segundo os integrantes da equipe da Casa, os temas surgiam espontaneamente, a partir das próprias rodas que foram acontecendo, pelas conversas que os acolhidos têm uns com os outros dentro da casa, ou como questões que os próprios facilitadores – alguns que já passaram por situação de migração - desejaram trazer.

Nas rodas foram utilizados diversos dispositivos que agenciaram a fala dos venezuelanos acolhidos e a passagem de afetos, mesmo sem a consciência dos profissionais da utilização desses dispositivos. Podem-se citar como exemplo, a facilitação da roda em espanhol que por ser a língua materna dos migrantes refugiados, contribuiu para que os acolhidos pudessem expressar seus sentimentos e suas histórias mais facilmente sem a barreira da linguagem. Outro dispositivo observado, o do compartilhamento de histórias pessoais pelos facilitadores,

contribuiu para que houvesse uma identificação de territórios existenciais entre migrantes e facilitadores. Tal dispositivo também ajudou na abertura e comunicação de sentimentos dos acolhidos nas rodas. Tanto a língua materna quanto a identificação com as histórias contadas pelos migrantes trouxeram algo da territorialidade desses sujeitos, a sensação do conhecido, do pertencer, que usado como dispositivo em uma roda de conversa conseguiu acesso a esses territórios.

3.4 Protagonismo e agência

No decorrer dos acolhimentos aos profissionais, foi trazido diversas vezes tanto em falas, quanto na realização de uma das rodas com o tema de “Como ser o protagonista de sua vida?” a figura do migrante protagonista. Tal tema foi pensado no desejo de trazer esperança para os migrantes, fazê-los assumirem suas responsabilidades de escolha e seguirem em frente com suas vidas.

Relatos como esse vêm de um território, a migração se apresenta como um fenômeno global macropolítico que movimenta milhões de pessoas por todo o mundo e apresenta grande capacidade de agência. A migração também se apresenta no âmbito micropolítico, pois todas as migrações são diferentes. Também é diferente a forma de migrar e lidar com o território migrante. O território não é constituído como fundamento fixo e imutável, tampouco estático. Constitui-se em multiplicidades, agenciamentos, máquinas, diagramas e forças que podem vir a se atualizarem em estruturas (HUR, 2019). Assim, “tanto o território como os objetos que ocupam, quer sejam considerados animados ou inanimados, possuem capacidade de agência, isto é, de ser agentes e de se agenciar com outros” (HUR, 2019, p.36).

Dessa forma, é lícito considerar que do ponto de vista da produção da subjetividade, constituir-se em um determinado território existencial como um migrante “protagonista de sua vida”, no sentido de estar atravessado por um desejo de seguir adiante, em certa medida não se restringe a um fenômeno somente individual. Por este ângulo, a postura adotada pela Casa do Migrante em que os profissionais buscam em sua prática a não vitimização dos acolhidos, por exemplo, também é produtora de subjetividade. E através do dispositivo das rodas de conversa pode-se inclusive ajudar o sustentar no sentido de um projeto mais coletivo, os protagonismos individuais dos acolhidos. Neste ponto, até poderíamos lembrar do conceito de agência de Bandura. Na teoria social cognitiva do autor, a agência assumiria um papel em que desenvolveria o autodesenvolvimento, a adaptação e a mudança nos indivíduos (BANDURA, 2001 apud BANDURA, 2005). O território migrante protagonista, segundo a teoria da agên-

cia da teoria social cognitiva, entenderia o sujeito como agente de si mesmo, influenciando seu próprio funcionamento de modo intencional, o sujeito seria então auto-organizado, proativo, autorregulado e autorreflexivo, não apenas sendo produto das circunstâncias de sua vida (BANDURA, 2005).

Nesta teoria, a agência estaria relacionada a uma preponderância da aprendizagem ligada principalmente a cognição. Contudo, seguindo a trilha da esquizoanálise, poderíamos deslocar a maior atenção dada a cognição para pensarmos os agenciamentos em um dado território existencial. Nesse sentido, quando pensamos nas rodas de conversa como dispositivo clínico, não a objetivamos como aparelho de aprendizagem e adaptação, mas como um lugar em que se é possível o atravessamento e passagem de afetos.

Para a esquizoanálise, tudo tem capacidade de agenciamento. A migração, a fome, o COVID-19, os grandes acontecimentos macropolíticos, mas também o que é singular de cada indivíduo e suas relações micropolíticas. O agenciamento, porém como se poderia pensar, não trabalha seguindo a lógica da negatividade, colocando a diferença como negação de um elemento, buscando seguir uma lógica dicotômica, mas procura se apresentar como processo que difere por si só, como afirmação das singularidades e multiplicidades (HUR, 2019).

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O interesse na realização desse estudo surgiu a partir da relevância em entender, a partir destes territórios existenciais vivenciados na Casa do Migrante do Conde, como a equipe se relaciona com esses territórios migrantes e refugiados que chegam, partem e mantêm contato com a Casa, e como essa mesma equipe de profissionais não apenas dá conta desses territórios, mas também auxilia na construção de novos territórios.

A apropriação do dispositivo da roda de conversa feita pela equipe da Casa e a escolha dos temas que foram movidos pelo desejo dos profissionais, agenciaram o encontro entre territórios existenciais de acolhidos e acolhedores e possibilitou a passagem das falas e afetos de ambas as partes. Pudemos descobrir nessas rodas alguns dispositivos de saúde mental como a própria roda em si, mas também a utilização da língua materna dos refugiados e do compartilhamento de algo acolhedro do território, gerou a familiaridade e a possibilidade do encontro desses territórios.

Consideramos a existência de uma carência de serviços que oferecem promoção da saúde mental direcionada a população migrante e refugiada, particularmente na região nordeste, além do despreparo dos profissionais do SUS no atendimento específico a essa população. Tal

realidade foi apontada pela Oficina Virtual do Mapeamento de Organizações da Sociedade Civil que presta assistência em saúde mental e atenção psicossocial a migrantes e refugiados no Brasil. Igualmente encontramos pouquíssimas produções acadêmicas realizados na mesma temática deste trabalho, na região nordeste do país.

O estudo deste tema mostrou-se de grande importância, pois, partindo da investigação do conceito de territórios existenciais, pudemos refletir sobre a potencialidade que ele abrange no quesito dos afetos no campo da saúde mental, mas também pensar em como este conceito poderia contribuir para o atendimento e a criação de novos dispositivos clínicos tanto para a população vulnerável em questão, como também no auxílio às equipes e profissionais que trabalham com esse público.

REFERÊNCIAS

BANDURA, Albert. A evolução da teoria social cognitiva. Publicado originalmente em: Bandura: The evolution of social cognitive theory. In: Smith, K.G.; Hitt, M.A. **Great Minds in management**. Oxford University Press, 2005. p.9-35.

CASSIANO, Marcella; FURLAN, Reinaldo. **O processo de subjetivação segundo a esquizoanálise**. Psicologia & Sociedade, v. 25, 2013, p.372-378.

CLEMENTE, Anselmo. Promoção à saúde mental de migrantes venezuelanos a partir de rodas de conversa: reflexões acerca do ensino da psicologia clínica num projeto de extensão universitária. In: IV CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO E PRÁTICAS INTERDISCIPLINARES., 2020, João Pessoa. **Anais do IV Congresso Nacional de Educação e Práticas Interdisciplinares.**, 2020. p. 974-986.

DELEUZE, Gilles. & GUATTARI, Félix. (2012). **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia 2**, v. 3. São Paulo: Editora 34

DELEUZE, Gilles; PARNET, Claire. **Diálogos**. Trad. Eloisa Araújo Ribeiro, São Paulo: Escuta, 1998, 184p.

GEBRIM, Ana. Imigração e Saúde Mental: desafios clínico-políticos. In: Rede Social de Justiça e Direitos Humanos. (Org.). **Direitos Humanos no Brasil 2015**. 1ed.São Paulo: Rede Social de Justiça e Direitos Humanos, 2015, p. 179-183.

GUATTARI, Félix. **As Três Ecologias**. 11 ed. Campinas: Editora Papirus, 2001.

GUATTARI, Félix; ROLNIK, Suely. **Micropolítica: cartografias do desejo**. Petrópolis: Vozes, 1986.

HUR, Domênico. Uhng. **Psicologia, Política e Esquizoanálise**. 2ª. ed. Campinas: Alínea, v.1, 2019, 194p.

LANCETTI, Antônio. **Clínica Peripatética**. 3 ed. Políticas do Desejo. Editora HUCITEC. 2008.

LIMA, Elizabeth Maria Freire de Araújo.; YASUI, Silvio. **Territórios e sentidos: espaço, cultura, subjetividade e cuidado na atenção psicossocial**. Saúde Debate. Rio de Janeiro. v.38, n.102, 2014, p.593-606.

MARTINS-BORGES, Lucienne. Migração involuntária como fator de risco à saúde mental. **Revista. Inter. Mob. Hum. Brasília**, Ano XXI, n. 40, 2013, p. 151-162.

MORO, Marie Rose. **Psicoterapia transcultural da migração**. Psicol. USP, São Paulo. v.26, n.2, 2015, p.186-192.

OLIVEIRA, Tayana Sabino et al. Grupo intercultural: uma proposta para ressignificar os impactos da crise migratória na saúde mental de imigrantes e brasileiros com transtornos mentais. In: XII CONGRESSO NORTE-NORDESTE DE TERAPIA OCUPACIONAL., 2018, Aracaju/SE. **Anais** do XII Congresso Norte-Nordeste de Terapia Ocupacional - CONNTO, 2018. p. 166-166.

ROLNIK, Suely. **Cartografia Sentimental: Transformações Contemporâneas do Desejo**. 2ª edição, Porto Alegre: Sulina, v.1, 2016, 248p.

ROSSI, André ; PASSOS, Eduardo. **Análise Institucional: revisão conceitual e nuances da pesquisa-intervenção no Brasil**. Rev. Epos vol.5 no 1.Rio de Janeiro jun. 2014.

SILVA, Gustavo et al. **Refúgio em Números, 6ª Edição**. Observatório das Migrações Internacionais; Ministério da Justiça e Segurança Pública/ Comitê Nacional para os Refugiados. Brasília, DF: OBMigra, 2021.

[1] Não identificar autoria antes da avaliação.

ANEXO

ANEXO A. Regras de submissão

Dossiê Psicologia e Migração – Revista Pretextos da Faculdade de Psicologia PUC Minas
(ISSN 2448-0738)

Condições para submissão

Como parte do processo de submissão, os autores são obrigados a verificar a conformidade da submissão em relação a todos os itens listados a seguir. As submissões que não estiverem de acordo com as normas serão devolvidas aos autores.

- A contribuição é original e inédita, e não está sendo avaliada para publicação por outra revista; caso contrário, deve-se justificar em "Comentários ao editor".
- O corpo do texto e as referências devem seguir as instruções da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT), disponibilizadas aqui através do [Padrão PUC Minas de normalização para artigos científicos](http://portal.pucminas.br/biblioteca), no link: <http://portal.pucminas.br/biblioteca>.
- IMPORTANTE: os autores devem utilizar o **layout/template** disponibilizado pela revista para auxiliar na formatação, escrita e avaliação dos textos. Para acessar o arquivo, **clique aqui**.
- Os arquivos para submissão estão em formato de documento do *Microsoft Word* (.doc; .docx etc.) e não ultrapassam cinco *megabytes* (05 MB).
- URLs para as referências foram informadas quando possível.
- A identificação de autoria do trabalho foi removida do arquivo e da opção "propriedades" no Word, garantindo desta forma o critério de sigilo da revista, conforme instruções disponíveis em [assegurando a avaliação pelos pares cega](#) (para versões do word até 2006) e em [tutorial para a remoção de informações de autoria dos arquivos](#) (para versões mais recentes do word, 2010, 2013, 2016 e outras).

Diretrizes para Autores

A Diretoria da Faculdade de Psicologia da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (FAPSI PUC Minas) torna pública aos interessados as diretrizes do processo de submissão de artigos, resenhas e resumos de dissertação e teses para compor as próximas edições da revista *Pretextos*, periódico que visa incentivar a divulgação científica de estudos desenvolvidos por alunos da graduação em Psicologia da PUC Minas e de outras Instituições de Ensino Superior. A publicação reúne textos provenientes dos trabalhos de estágio, extensão, iniciação científica e conclusão de

Dossiê Psicologia e Migração – Revista Pretextos da Faculdade de Psicologia PUC Minas
(ISSN 2448-0738)

curso (monografia) produzidos durante a graduação, contemplando também artigos de Psicologia oriundos do contexto da pós-graduação, bem como escritos elaborados por professores e pesquisadores da área. Podem ser publicados textos em português ou em espanhol.

I INFORMAÇÕES E DISPOSIÇÕES GERAIS

1.1 A chamada está aberta a estudantes e ex-estudantes dos cursos de graduação e pós-graduação em Psicologia das diversas Instituições de Ensino Superior, bem como a pesquisadores, professores e profissionais área.

1.2 No caso dos artigos produzidos por alunos e/ou ex-alunos da graduação, serão aceitos para avaliação textos oriundos de trabalhos desenvolvidos durante o processo de formação, frutos de reflexões teórico-conceituais e metodológicas, com ou sem análises de dados empíricos, produzidos a partir de monografias (trabalhos de conclusão de curso) e de experiências de iniciação científica, de estágio ou de extensão. Os artigos podem ser produzidos exclusivamente pelo aluno/ex-aluno ou também escrito em parceria com o seu respectivo orientador (coautoria). Os artigos provenientes de iniciação científica podem ser escritos com a participação de até dois alunos, no caso de a prática ter sido realizada em dupla. Os artigos originados de atividades extensionistas e/ou de práticas de estágios podem ser produzidos pelo grupo de discentes envolvidos, limitando-se ao máximo de seis autores, além do orientador.

1.3 Em relação aos artigos produzidos no âmbito dos cursos de Pós-Graduação, serão avaliados os textos que discorrem sobre qualquer área da Psicologia, desde que sejam produtos dos trabalhos de conclusão de curso de referidos estudantes. Os artigos podem ou não ser construídos em coautoria com os respectivos orientadores.

1.4 A veracidade das informações, assim como a autoria dos artigos são de exclusiva responsabilidade dos respectivos autores. Da mesma forma coloca-se os cuidados éticos e a preservação das identidades de sujeitos e instituições contemplados nos estudos apresentados.

1.5 Ao submeter a sua participação, os autores declaram-se cientes e de acordo com as regras prescritas por estas diretrizes. O envio dos artigos, das resenhas e/ou dos resumos de dissertações e teses já representa autorização para que estes, caso selecionados, sejam publicados na revista. Sendo assim, desde já, os autores dos textos escolhidos autorizam a utilização e a reprodução dos escritos, o uso do nome e das imagens relativas à produção e divulgação dos mesmos para fins de promoção institucional da publicação da qual trata essas diretrizes. Não obstante, é obrigatório o

preenchimento e a submissão da declaração de autoria, que explicita a responsabilidade e a participação dos autores no trabalho apresentado. Clique aqui para fazer o download do modelo a ser editado, assinado e anexado como documento suplementar durante o envio do manuscrito. **Excepcionalmente durante o período de pandemia e isolamento social a declaração de autoria poderá ser assinada digitalmente.**

1.6 Política de triagem anti-plágio: todos os artigos recebidos, antes de serem enviados para a avaliação cega de pares, serão verificados através do *software CopySpider*, uma ferramenta *freeware* desenvolvida para a identificação de cópia e apropriação inadequada de conteúdo de outros autores.

1.7 Devido ao grande número de contribuições recebidas para as edições já publicados, o período de submissão de artigos será aberto somente uma vez por ano (conforme cronograma que será divulgado em breve). No entanto, por se tratar de um periódico semestral, após avaliação, parte dos trabalhos recebidos serão selecionados para compor o volume referente ao primeiro semestre (janeiro/junho) do ano seguinte, e outros serão separados para o número referente ao segundo semestre (julho/dezembro) do mesmo ano. Aos autores é enviada uma carta de aceite certificando a aprovação de sua contribuição.

1.8 Os casos omissos nestas diretrizes serão decididos pela Equipe Editorial, cujas decisões serão soberanas.

II APRESENTAÇÃO DOS ARTIGOS

2.1 O corpo do texto e as referências devem seguir as instruções da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT), disponibilizadas aqui através do Padrão PUC Minas de normalização para artigos científicos, no link: <http://portal.pucminas.br/biblioteca>.

IMPORTANTE: os autores devem utilizar o layout/template disponibilizado pela revista para auxiliar na formatação, escrita e avaliação dos textos. Para acessar o arquivo, clique aqui. Gentileza observar que algumas orientações registradas no template são diferentes das informadas pelo padrão de normalização supracitado. Por exemplo, aqui deve ser utilizado espaçamento entre linhas simples apenas no resumo, nas citações longas (com recuo de 4cm) e na lista de referências. As demais partes do manuscrito devem estar dispostas com espaçamento entre linhas de 1,5.

Dossiê Psicologia e Migração – Revista Pretextos da Faculdade de Psicologia PUC Minas
(ISSN 2448-0738)

2.2 Os textos devem ser digitados em formato *Microsoft Word* (.doc, .docx etc.).

conforme [arquivo](#) informado acima. O manuscrito deve ter entre 15 e 20 páginas, incluindo as referências.

2.3 O título do artigo deve ser apresentado em português, inglês e espanhol, lembrando que a integral do artigo pode ser escrita em espanhol.

2.4 Devem ser apresentados, no texto, os itens *resumo* e *palavras-chave* em português, inglês (*abstract* e *keywords*) e espanhol. O resumo deve conter no máximo 300 palavras (sugere-se o mínimo de 120). As palavras-chave, expressões que representam o assunto tratado no trabalho, devem ser de três a cinco, separadas entre si conforme a normalização supracitada. Logo abaixo do título do artigo registrar o seu correspondente em inglês.

Diferente do que é orientado no padrão de normalização supracitado, as palavras-chave e seu o equivalente em língua estrangeira devem ser separadas por ponto-e-vírgula (;), inclusive no que se refere a informação registrada momento de submissão do texto na plataforma da revista.

Pedimos a atenção dos autores para também registrarem os títulos dos artigos em CAIXA ALTA no sistema e no arquivo submetido (orientação válida para o título em português e em língua estrangeira).

2.5 Exceto pela apresentação das referências utilizadas (elemento obrigatório), os títulos das demais divisões/seções do artigo podem ser estabelecidos sob critério do(s) autor(es). Contudo, sugere-se considerar a importância de tópicos específicos para apresentação da introdução, do método utilizado (procedimentos), dos resultados alcançados pela prática realizada (quando se aplicar), discussão e considerações finais.

2.6 A formatação final dos artigos será realizada pela equipe editorial. Sendo assim, esta reserva-se o direito de introduzir alterações nos originais, visando a manter a homogeneidade (formatação estética e técnica) e a qualidade da publicação (corrigir eventuais erros gramaticais), respeitando, porém, o estilo e as opiniões dos autores (que são de sua respectiva e exclusiva responsabilidade).

III APRESENTAÇÃO DAS RESENHAS

3.1 A Pretextos também aceita para publicação textos de revisão crítica de obras nacionais e estrangeiras, cuja primeira edição foi publicada há no máximo dois anos. As resenhas devem orientar o

ANEXO B. Layout/Template

cb

TÍTULO

TÍTULO (ESPAÑOL)

TITLE (ENGLISH)

Não identificar autoria antes da avaliação¹

RESUMO: Texto aqui.
PALAVRAS-CHAVE: Primeira; Segunda; Terceira; Quarta; Quinta.

RESUMEN: Texto aqui.
PALABRAS CLAVE: Primeira; Segunda; Tercera; Cuarta; Quinta.

ABSTRACT: Text here.
KEYWORDS: First; Second; Third; Fourth; Fifth.

1 INTRODUÇÃO

Texto aqui. Texto aqui. Texto aqui. Texto aqui. Texto aqui. Texto aqui. Texto aqui.
 Texto aqui. Texto aqui. Texto aqui. Texto aqui. Texto aqui. Texto aqui. Texto aqui. Texto
 aqui. Texto aqui. Texto aqui. Texto aqui. Texto aqui. Texto aqui. Texto aqui. Tex-
 to aqui. Texto aqui. Texto aqui. Texto aqui. Texto aqui. Texto aqui. Texto aqui. Texto aqui.
 Texto aqui. Texto aqui. Texto aqui. Texto aqui. Texto aqui. Texto aqui. Texto aqui. Texto
 aqui. Texto aqui. Texto aqui. Texto aqui. Texto aqui. Texto aqui. Texto aqui. Tex-
 to aqui. Texto aqui. Texto aqui. Texto aqui. Texto aqui. Texto aqui. Texto aqui. Texto aqui.
 Texto aqui. Texto aqui. Texto aqui. Texto aqui. Texto aqui. Texto aqui. Texto aqui.

2 TÍTULO

Texto aqui. Texto aqui. Texto aqui. Texto aqui. Texto aqui. Texto aqui. Texto aqui.
 Texto aqui. Texto aqui. Texto aqui. Texto aqui. Texto aqui. Texto aqui. Texto aqui. Texto
 aqui. Texto aqui. Texto aqui. Texto aqui. Texto aqui. Texto aqui. Texto aqui. Tex-
 to aqui. Texto aqui. Texto aqui. Texto aqui. Texto aqui. Texto aqui. Texto aqui. Texto aqui.
 Texto aqui. Texto aqui. Texto aqui. Texto aqui. Texto aqui. Texto aqui. Texto aqui. Texto
 aqui. Texto aqui. Texto aqui. Texto aqui. Texto aqui. Texto aqui. Texto aqui. Tex-

¹ Não identificar autoria antes da avaliação.

aqui. Texto aqui. Texto aqui. Texto aqui. Texto aqui. Texto aqui. Texto aqui. Tex-
to aqui. Texto aqui. Texto aqui. Texto aqui. Texto aqui. Texto aqui. Texto aqui. Texto aqui.
Texto aqui. Texto aqui. Texto aqui. Texto aqui. Texto aqui. Texto aqui. Texto aqui.

Texto aqui. Texto aqui. Texto aqui. Texto aqui. Texto aqui. Texto aqui. Texto aqui.
 Texto aqui. Texto aqui. Texto aqui. Texto aqui. Texto aqui. Texto aqui. Texto aqui.
 aqui. Texto aqui. Texto aqui. Texto aqui. Texto aqui. Texto aqui. Texto aqui. Tex-
 to aqui. Texto aqui. Texto aqui. Texto aqui. Texto aqui. Texto aqui. Texto aqui. Texto aqui.
 Texto aqui. Texto aqui. Texto aqui. Texto aqui. Texto aqui. Texto aqui. Texto aqui. Texto
 aqui. Texto aqui. Texto aqui. Texto aqui. Texto aqui. Texto aqui. Texto aqui. Texto
 aqui. Texto aqui. Texto aqui. Texto aqui. Texto aqui. Texto aqui. Texto aqui. Tex-
 to aqui. Texto aqui. Texto aqui. Texto aqui. Texto aqui. Texto aqui. Texto aqui. Texto aqui.

4 TÍTULO

Texto aqui. Texto aqui. Texto aqui. Texto aqui. Texto aqui. Texto aqui. Texto aqui.
 Texto aqui. Texto aqui. Texto aqui. Texto aqui. Texto aqui. Texto aqui. Texto aqui.
 aqui. Texto aqui. Texto aqui. Texto aqui. Texto aqui. Texto aqui. Texto aqui. Tex-
 to aqui. Texto aqui. Texto aqui. Texto aqui. Texto aqui. Texto aqui. Texto aqui. Texto aqui.
 Texto aqui. Texto aqui. Texto aqui. Texto aqui. Texto aqui. Texto aqui. Texto aqui. Texto
 aqui. Texto aqui. Texto aqui. Texto aqui. Texto aqui. Texto aqui. Texto aqui. Texto
 aqui. Texto aqui. Texto aqui. Texto aqui. Texto aqui. Texto aqui. Texto aqui. Tex-
 to aqui. Texto aqui. Texto aqui. Texto aqui. Texto aqui. Texto aqui. Texto aqui. Texto aqui.
 Texto aqui. Texto aqui. Texto aqui. Texto aqui. Texto aqui. Texto aqui. Texto aqui.

REFERÊNCIAS